



Medievalis

v. 13, n. 1 (2024)

| 1

A reboque da busca por violência, dinheiro, glória: como os torneios medievais aprimoraram a arte da guerra entre os séculos x e xiii

Arthur Brum dos Reis¹

Resumo: Ao falarmos dos combates travados por cavaleiros na Europa Oriental entre os séculos X e XIII, um fenômeno pode ser destacado como uma das principais manifestações daqueles encontros: os torneios. Já estudados sob os aspectos relativos à violência, obtenção de lucros e destaque social, esses jogos também marcaram o desenvolvimento da guerra, seja por meio de técnicas de combate, seja pela evolução das armas ou implementação de estratégias de combate. Cientes disso, o presente artigo tem como objetivo identificar quais foram as principais contribuições dos torneios medievais organizados entre os séculos X e XIII, mais especificamente na região da França, para a arte da guerra. Também busca analisar como as armas e armaduras utilizadas em combates reais foram influenciadas pelas modificações realizadas para atender e proteger os cavaleiros nos torneios, bem como a forma que elas modificaram os confrontos. Para isso, por se tratar de uma pesquisa documental qualitativa, será feito o uso da mais selecionada historiografia sobre o assunto, como é o caso do historiador Jean Flori (2005) e do renomado medievalista Dominique Barthélemy (2010). Também será feito o uso das traduções disponibilizadas pelo professor Ricardo da Costa, possibilitando assim o cruzamento de tais teorias com informações presentes em gestas que relatam aqueles eventos.

Palavras-chaves: Cavalaria; Idade Média; Torneios Medievais; Arte da Guerra; Jogos de Guerra.

Abstract: When we talk about the battles fought by knights in Eastern Europe, between the 10th and 13th centuries, one phenomenon can be highlighted as one of the main manifestations of those fights: Tournaments. Many studies related to the aspects of violence, profit-making and social prominence were made, but these games also marked the development of war, whether through combat techniques, evolution of weapons or implementation of combat strategies. Aware of this, this article has the objective to identify the main contributions of medieval tournaments organized between the 10th and 13th centuries, more specifically in the region of France, to the art of war. It also seeks to analyze how the weapons and armor used in real combat were influenced by the modifications made to serve and protect the knights in tournaments, as well as the way in which they modified the forms of confrontation. To this end, as this is qualitative documentary research, the most selected historiography on the subject will be used, as is the case of the historian Jean Flori (2005) and the renowned medievalist Dominique Barthélemy (2010). Translations made by professor Ricardo da Costa (2024) will also be used, thus enabling the crossing of such theories with information present in gestas that report those events.

Keywords: Cavalry; Middle Ages; Medieval Tournaments; Art of War; War games.

¹ Bacharel em História pela PUC Minas e mestrando no Programa de Pós-graduação em Geografia (Geografia Histórica) pela mesma universidade, tem experiência na área de pesquisas inquisitoriais. Apresentou comunicações em diversos simpósios e seminários, internos e externos à PUC. Também atuou como coordenador do grupo de estudos Studim, de antiguidade clássica.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4487776823951098>

E-mail: arthurbrumreis@gmail.com





1. Introdução

Ao contrário que pode parecer, este estudo não é um elogio aos grandes torneios medievais travados entre cavaleiros. Investigar esses eventos, que tomaram parte, em maior ou menos intensidade, entre os séculos X e XIII, é buscar compreender uma das maiores expressões da cultura aristocrática e nobre do período em questão, como descrito por Mark Cartwright (2018). Alguma tinta já foi derramada sobre o assunto, especialmente em estudos que buscaram jogar luz na violência dos eventos, fato que levou a sua proibição e/ou regulamentação em diversos cantos da Europa Ocidental, e até mesmo sua condenação por parte da Igreja, no ano de 1130, por bula papal do então Pontífice Inocente II. (SCHUYLER, 2021).

Dentre todas as possibilidades de análises voltadas aos torneios medievais, esta pesquisa tem como objetivo identificar como, apesar de todas as controvérsias existentes sobre o fenômeno, aqueles eventos contribuíram para o desenvolvimento das técnicas e, sobretudo, emprego de armas em campo de batalha. Partimos da premissa de que, ao contrário da guerra em sua mais crua essência, aqueles encontros que simulavam conflitos possibilitavam aos envolvidos uma maior aptidão ao combate, se adaptando e avaliando os fatos que se davam durante as escaramuças. Embora pudessem ser fatais em alguns casos, como veremos, aqueles jogos, ao contrário da guerra, franqueavam ao seus envolvidos o cenário de erros e derrotas, além da vida para combater em outras ocasiões mesmo após o fracasso.

Para isso, esta pesquisa, documental qualitativa, fará o uso da mais selecionada historiografia sobre o assunto, analisando e se debruçando sobre os pesquisadores que já teorizaram sobre tal fenômeno, como é o caso do historiador Jean flori (2005) e do renomado medievalista Dominique Barthélemy (2010). Vale ressaltar que não será realizada uma simples revisão bibliográfica sobre o tema, mas aquilo que José D'Assunção Barros (2022: 23) definiu como uma busca das teorias que “subjazem ao texto”. Além disto, contanto com as traduções disponibilizadas pelo professor Ricardo da Costa, cruzaremos tais teorias com informações presentes em gestas e crônicas que tratam sobre as aventuras e vida de alguns cavaleiros contemporâneo aos fatos, e envolvidos na realização ou organização dos eventos.

Importante observar, antes de iniciarmos nosso estudo, que a presente pesquisa adotou o recorte temporal apresentado por Dan Jones (2023), em sua obra “O Poder e os Tronos”, onde há que se diferenciar os torneios das lutas e justas e das “lutas





coreografadas em frente a arquibancadas (...) populares entre os séculos XIV e XVI, que se tornaram um dos pilares do atual retrato hollywoodiano da Idade Média” (JONES, 2023: 272).

Quanto às justas, que se resumiam, sem adentrar em detalhes, a lutas individuais (um contra um), fazendo o uso de montarias e lanças em riste, devemos ter em mente que, embora seja utilizada como sinônimo equivocado dos torneios, conforme observou Flori (2005), sua pompa também está mais associada aos últimos séculos da Baixa Idade Média (especialmente ao quatrocentos). Sendo assim, o termo “torneio” será utilizado única e exclusivamente para os eventos de combate organizados, travados entre os séculos X e XIII, onde grupos de cavaleiros, armados e equipados com indumentária de guerra, se enfrentavam em conjunto.

2. Os torneios

Não há consenso sobre a origem dos torneios medievais. Segundo apontado por Mark Cartwright (2018: 02), “quando exatamente os torneios começaram não se sabe, mas a primeira menção nos registros históricos apareceu em uma crônica da Abadia de Saint Martin em Tours, França”². Trata-se de um evento realizado no ano de 1066, em que consta em seus registros a morte de Godfrey de Preuilly, idealizador das regras que pautaram os combates. Já Jean Flori, apesar de considerar a hipótese citada como “muito plausível”, reforça que os primeiros textos que registram, de fato, estes eventos, “datam do início do século XII. Eles testemunham o grande prestígio, pouco depois de 1100, desse exercício guerreiro (...) e concordam todos acerca de sua origem ‘francesa’” (FLORI, 2005: 98).

Seja como for, há consenso de que os torneios medievais, em sua origem visavam possibilitar que os cavaleiros desenvolvessem suas habilidades de combate montados, que, gradativamente, tomaram forma de um evento envolvendo grande parte da comunidade local (e vizinhos), de maneira que:

Eram anunciados com antecedência, para que os possíveis participantes pudessem viajar – às vezes centenas de quilômetros – para entrar em ação. Os frequentadores incluíam multidões de espectadores, artistas, vendedores ambulantes, feirantes, ferreiros, treinadores de cavalos, adivinhos, músicos, vigaristas, ladrões e vagabundos (...) era um esporte glamuroso e perigoso de gente rica, praticado por reis, grandes nobres e seu entourage, em campos inóspitos [os principais torneios eram em Flanders] e com apostas altas. (JONES, 2023: 272)

² No original: *When exactly tournaments began is not known but their first mention in the historical record appears in a chronicle from the abbey of Saint Martin in Tours, France.*





Como se percebe, portanto, os torneios medievais, já no início de sua existência (registrada), trataram de se adaptar ao contexto em que eram realizados, envolvendo diversas camadas da sociedade e interesses distintos, agrupando desde cavaleiros dedicados ao mais puro combate, até oportunistas que buscavam subtrair bens e valores alheios.

Apresentados os envolvidos, aqui cabe uma breve explicação de como se davam esses eventos, desde a sua organização até seu desenvolvimento. Tudo tinha início com um local marcado, para onde os interessados (ou convidados) deveriam se dirigir. “o espaço era quase sempre um campo, com bosque e pastagens (mas também poderia ser em uma cidade ou sem seus arredores)” (COSTA, 2008: 04). Embora trate-se de um exercício de combate, a violência e periculosidade das batalhas simuladas aparece com frequência em registros, o que levava à necessidade de cercamento e isolamento de alguns pontos específicos do terreno escolhido para o torneio, onde os cavaleiros podiam descansar e se refugiar (CARTWRIGHT, 2018).

Talvez uma das obras fundamentais para compreender como se desenvolviam esses torneios tenha sido escrita sob a pena de Georges Duby, em “Guilherme Marechal, ou o melhor Cavaleiro do Mundo” (1987). Por meio dela, podemos observar que Guilherme participou de, ao menos, dezesseis batalhas do tipo, sendo que somente uma delas não é possível localizar com exatidão o local de ocorrência. Duby, por sua vez, destaca que, salvo duas exceções, todos os demais eventos tiveram como campo de batalha “velhas florestas, fronteiras que desde tempos imemoriais separavam as etnias” (DUBY, 1987: 125), como é o caso daquelas que existiam na zona fronteira entre Vermandois e as terras dos capetos.

Definido o local e divulgada a informação pela região, todos se dirigiam ao local do combate. Em regra, os cavaleiros se reuniam em grupos ainda no local da partida, já ostentando suas armaduras polidas e com as placas, elmos e cota de malha já ajustados, bem como todos os arreios das montarias. Ao chegarem no destino, eram recebidos pelos organizadores do evento, e por vezes incorporavam cavaleiros solitários como parte das equipes. Estes, que compunham a minoria dos eventos, também podiam formar um grupo de combatentes próprio. (DUBY, 1987).

Dominique Barthélemy, observa que há registros de grupos de cavaleiros que, mesmo após chegarem ao campo de batalha sob uma determinada bandeira ou ordens de um senhor, optavam por mudar de time, combatendo pelo exército adversário. Segundo





o pesquisador francês, não podemos atribuir esse fenômeno à mera esportividade, buscando o equilíbrio entre os times envolvidos (embora acontecesse em alguns casos). Ao analisar algo semelhante ocorrido no ano de 1168, em um torneio realizado próximo de Gournay-sur-Aronde, onde cavaleiros de Hainaut migraram para às fileiras francesas, Barthélemy atribui a decisão aos rancores e disputas internas de poder que existiam na cúpula da tropa desfalcada (BARTHÉLEMY, 2010).

Embora as crônicas e romances de cavalaria, por costume, tenham dedicado o foco principal de suas narrativas aos cavaleiros e seus feitos individuais, fato é que as disputas realizadas nos torneios se desenvolviam de maneira coletiva. Desta forma, posicionados os exércitos na localidade escolhida para o torneio, dava-se o início da luta, caso essa fosse a estratégia adotada pelos respectivos líderes. Sim; estratégia. Ao contrário do que possa parecer, o desenvolvimento das tropas no campo era previamente planejado de acordo com o terreno, número de homens e objetivos.

Para Martin Dougherty (2008), a principal tática utilizada pelos homens montados visava quebrar as formações do exército inimigo, em especial aquelas compostas por tropas sem montarias. Não obstante, tais cargas deveriam ser bem estruturadas e executadas (ao contrário do que costumamos ver nos filmes de Hollywood), caso contrário, eventuais cavaleiros afobados poderiam se ver cercados por inimigos. Desta forma, além de um ataque ineficiente, também ocorria um grande risco daquele indivíduo em questão ser posto fora de combate minutos após o início do ataque, sendo tomado com prisioneiro.

Sendo assim, era preferível que somente os *frontmost man* travassem contato mais cerrado com as linhas inimigas, ficando o grosso das tropas oferecendo impulsionamento e agindo como uma força de resposta caso a linha frontal se desestabilizasse. Outra opção, visando manter a formação, era realizar a carga de cavalaria em velocidade reduzida, “evitando obstáculos e mantendo a coesão; as vezes sendo essa a única opção para cavalos já cansados e sobrecarregados”³ (DOUGHERTY, 2008: 79).

Sobre a importância da utilização de uma formação bem estruturada e sua manutenção, temos os relatos de Paul Meyer (1894) ao narrar, em *L’Histoire de Guillaume le Maréchal, comte de Striguil et de Pembroke*, um torneio travado pelos normandos no ano de 1176. Ao tratar do confronto, consta que “os pelotões [normandos]

³ No original: *Did allow the cavalryman to avoid obstacles and maintain their cohesion, and sometimes it was all that a tired and overbored horse could manage.*





se mantiveram serrados na batalha. Aqueles do lado oposto, ao contrário, desdenhosos de se formarem, vieram em desordem até a batalha” (MAYER, 1894 apud BARTHÉLEMY, 2010: 421). Após trocas de golpes, fazendo o uso massivo de espadas e maças, os atacantes foram rechaçados, sem qualquer possibilidade de manutenção das linhas ofensivas.

Por vezes, os torneios duravam mais de um dia, tornando-se verdadeiros teatros de operações onde os grupos envolvidos deveriam conquistar objetivos coletivos. Dentre as possibilidades de ação estavam as emboscadas, com a intenção de capturar armas, cavalos e cavaleiros, fazendo-os prisioneiros, bem como ataques a posições fortificadas e dissimulações por meio de avanços falsos e/ou ofensivas menores com a intenção de fustigar parte da tropa adversária. Com o caminhar daqueles eventos, os grupos organizadores passaram a incorporar novos elementos em campo de batalha como por exemplo, arqueiros, besteiros e escudeiros (COSTA, 2008: 04).

Como observado, o sequestro de armas, armaduras, cavalos e cavaleiros eram permitidos (e por vezes o principal objetivo individual dos envolvidos). Além de uma demonstração de habilidade em combate, era comum que valores fossem estipulados antes do início dos combates a título de resgate (CARTWRIGHT, 2018). A tradicional forma de capturar um cavaleiro se dava por meio da tomada de controle do cavalo do adversário, ou derrubando-o da montaria. Este domínio deveria acontecer através da rédea, fato que demonstrava grande capacidade do adversário. Capturado, tanto o cavalo quanto o seu cavaleiro eram conduzidos e aprisionados. Também era comum que a prisão dos combatentes se desse por meio da palavra, podendo esse “retomar a luta e se fazer capturar de novo; ou ter sua revanche” (BARTHÉLEMY, 2010: 421)

Para homens a pé, a dinâmica de captura se dava de outra forma. Estando dois desmontados, abandonavam-se o uso da lança e as lutas se davam por meio das espadas e maças de combate. Neste caso “eles deveriam lutar até que um estivesse impossibilitado de continuar por meio de ferimentos, ou exaustão”⁴ (PHILLIPS, 2021: 103). Caso houvesse juízes para mediar o combate, o que era pouco comum, ele também teria o poder de interromper combates individuais e apontar o perdedor. Outra possibilidade de captura, um tanto quanto menos delicada, consistia em simplesmente agarrar o adversário e arrastá-lo a força até a linha defensiva de seu exército (FLORI, 2005).

⁴ No original: *They would fight until one was unable to carry on through injury or exhaustion.*





Ademais, também podemos identificar duas outras possibilidades de locupletação dos soldados que se dispunham a participar dos eventos. A primeira delas estava justamente relacionada à elevação do *status* como combatente, uma vez que “nessa sociedade aristocrática guerreira, dispor em sua equipe dos melhores campeões constituía um trunfo político-midiático do qual talvez não tenhamos até agora tomado consciência” (FLORI, 2005: 105). Já a segunda, estava diretamente relacionada a um prêmio em dinheiro destinado ao vencedor dos combates, que em regra era dividido entre os cavaleiros do grupo vitorioso, ou utilizado no preparo técnico e militar dos mesmos (CARTWRIGHT, 2018).

Entretanto, nem tudo eram vantagens. Os torneios medievais foram amplamente conhecidos pelas mortes acidentais que ocasionavam. Tais fatalidades aconteciam tanto por ferimentos em batalha quanto para acidentes, como afogamentos e exaustão. Ao lermos sobre esses eventos, não faltam relatos sobre cavaleiros sendo mortos. Neste sentido, Charles Phillips (2021), observa que:

Muitos cavaleiros morreram como resultado das condições em que se davam as lutas nos primeiros torneios. Alguns eram mortos por cavalos assustados ou descontrolados – o quanto filho do rei Henrique II da Inglaterra, Geoffrey, Duque da Britânia, foi pisoteado até a morte em um torneio próximo a Paris, no ano de 1186. Algumas vezes, em condições de baixa humidade e calor, a temperatura e poeira durante o torneio poderia ser avassaladora – em 1241m em Neuss, Alemanha, aproximadamente oitenta cavaleiros morreram sufocados (PHILLIPS, 2021: 102)⁵.

Seriam justamente essas mortes que, já na primeira metade do século XII levariam a Igreja e seus representantes a combaterem tal prática. Além das críticas extraoficiais, a proibição dos torneios foi pautada já no Concílio de Clermont (1130), tendo a discussão retornado aos holofotes em 1130 (Concílio de Latrão II) e 1179 (Latrão III). Dentre as medidas tomadas pela Igreja, estava a proibição de sepultar em solo sagrado os cavaleiros mortos naquele “costume diabólico” (CLARAVAL, 1149 apud. COSTA, 2008: 02). Para Barthélemy (2007), a intervenção eclesiástica aos jogos pode ser considerar mais uma das relações conflituosas existentes entre a Igreja e os Cavaleiros na Baixa Idade Média, marcadas por tensões e acordos. As principais justificativas, entre tanto, pautavam-se na crítica à violência dos eventos, da morte, e da grande ostentação, cada vez mais presente naquelas festividades.

⁵ No original: *Several knights died as result of te conditions in which early tournaments were fought. Some werw killed by frightened or stampeding horses – King Henry II of England’s fourth son, Geoffrey, Duke of Brittany, was trampled to death in 1186 at a tournament near Paris. Sometimes, in hot and dry conditions, the heat and Dust during a tournamente could be overpowering – in 1241 at Neuss, in Germany, as many as 80 knights died from suffocation.*





Não obstante, não era raro que grandes torneadores, inclusive integrantes de famílias abastadas, mesmo tomando parte nos eventos, cumprissem com suas obrigações relativas à Igreja, participando ativamente de cruzadas e campanhas em nome do Deus cristão. Mesmo assim, em uma carta enviada ao abade de Suger, Saint-Denis, datada de 1149, Bernardo de Claraval (posteriormente São Bernardo, o mesmo que articulou a Ordem dos Cavaleiros Templários), questionou o espírito agressivo dos cavaleiros que tomaram parte nas campanhas santas, colocando em xeque os verdadeiros propósitos daqueles combatentes. (COSTA, 2008).

Por fim, ao abordar as principais características dos torneios, não podemos deixar de citar a grande possibilidade de cortejo de damas por parte dos cavaleiros envolvidos. Estes valiam-se dos combates para, além de reforçar publicamente seus valores, dar mostras de bravura e capacidades de combate, aspectos socialmente valorizados (SCHUYLER, 2021). Desta forma, temos aqui a tríade de máculas apresentadas por George Duby (1993: 13), combatidas pela Igreja daquele período: “do dinheiro, do sexo, e do sangue derramado”.

Apesar dos esforços advindos da sede papal, os torneios ganharam cada vez mais vulto na sociedade medieval, especialmente na França e na Inglaterra. Entretanto, não há como negar que os combates travados, especialmente após o século XIII, distanciaram-se cada vez mais da realidade das guerras, cedendo espaço para espetáculos. As armas foram modificadas, impedindo, por exemplo, o uso de espadas com pontas ou afiadas. As armaduras se tornaram cada vez mais grossas e pesadas, ao contrário daquelas utilizadas em combates reais, entregando muito mais proteção do que mobilidade ao usuário (DOUGHERTY, 2008).

O sucesso destes eventos atingiu tal ponto que, já no século XIV, temos exemplos de torneios sendo convocados como atrações em eventos reais, a serem travados no interior de cidades (como praças centrais), fazendo parte das celebrações de coroações, casamentos e encontros entre reis (diplomáticos). Um exemplo disto foram os combates organizados em Westminster, em fevereiro de 1308, pelo Rei Eduardo II, da Inglaterra, para marcar a sua coroação. Esses dariam, entretanto, cada vez mais espaço para as competições de justas, tornando conseqüentemente mais escassa a participação de exércitos e manobras estratégicas como aquelas vistas nos séculos anteriores (PHILLIPS, 2021). Nas palavras de Stephen J. Schuyler, “os torneios perderam o contato com a





realidade [militar] (...) tornando-se um esporte de elite, sem aplicação prática”⁶ (2021: 13), experimentando uma considerável queda de popularidade já no século XVI.

Conforme observado, os torneios travados entre os séculos X e XIII apresentam diversas nuances já trabalhadas por diversos pesquisadores e historiadores. Nesta breve contextualização, foi possível destacar suas principais características, além de inserir tais eventos em seu contexto de realização, elucidando como eram desenvolvidos na sociedade que os organizavam. Resta claro que aqueles jogos moldavam, e eram moldados, por questões culturais de cada período, bem como os atores envolvidos. Mas para além da violência das lutas, da pompa dos torneios, e da possibilidade de vantagens sociais e econômicas, com aquelas batalhas simuladas influenciaram a arte da guerra?

Uma das formas de notar as possíveis evoluções advém do estudo das armas e armaduras, identificando sua possível evolução. Além disso, também há de se observar a forma de combate, tanto individuais como coletivas. Para Jacques Le Goff (2014), grande medievalista francês, no período compreendido entre tais séculos, com destaque para o XI e XII, a Europa presenciou uma profunda transformação nas técnicas de guerra, causada justamente pelos *bellatores*⁷ e sua inclusão na aristocracia. Como vimos, os torneios contribuíram substancialmente para elevar o *status* aristocrático dos guerreiros.

Quanto a evolução das técnicas, não é de se espantar que os torneios tiveram grande papel. Apesar das críticas levantadas pela Igreja no sentido do excesso de violência, também podemos descrevê-los com atividades de grande interesse militar. Representando verdadeiros combates, “com muito menos riscos, os senhores podiam experimentar novas táticas e os cavaleiros, aumentar sua coesão coletiva e suas técnicas pessoais” (FLORI, 2005: 103). Além disso, apresentam-se como uma alternativa para a manutenção de uma tropa belicamente adestrada e mobilizada, especialmente em tempos de paz, atualizando constantemente a forma de se combater.

Quanto as armas e armaduras utilizadas, é possível notar uma relação direta entre a difusão das técnicas de combate utilizando lanças deitadas e o aprimoramento das armaduras. Para Flori (2005), esses dois fatores apresentam-se de maneira concomitante, sendo mais considerável durante o século XI na França. A necessidade de aprimoramento

⁶ No original: *Tournaments lost touch with reality (...) has become an elite sport without practical application.*

⁷ Trata-se de referência feita por Le Goff (2014) à fórmula apresentada por Adalbéron de Laon, no século XI, onde se destaca a tripartição social que tomou conta da Europa Ocidental após o século IX. Esses três grupos eram os *Bellatores*, *Oratores* e *laboratores*, ou seja: Guerreiros, clérigos e trabalhadores, respectivamente. Para maiores detalhes consultar Le Goff (2014: 102-114).





das proteções individuais, incorporou às armaduras placas cada vez mais resistentes e que serviam para a proteção integral do combatente. Gradualmente, essas verdadeiras carapaças produzidas de maneira individualizada para o portador, possibilitaram o abandono de escudos para combates individuais, abrindo espaço para a difusão das espadas de duas mãos (OAKESHOTT, 1960; CLEPHAN, 2013).

Embora as armaduras utilizadas em torneios tenham se descolado da realidade, não podemos associar esse fenômeno e um completo afastamento dos eventos do treinamento militar. Principalmente após o trezentos, essas melhorias levaram os equipamentos a atingirem um peso muito elevado, limitando até mesmo da movimentação em combate desmontados em alguns casos. Dougherty (2008) observa que o excesso de peso nas armaduras e armas também era adotado de maneira intencional nos treinamentos, resultando em uma maior facilidade, velocidade e resiliência em combates reais.

Embora o pesquisador apresente tal estratégia sendo utilizada em treinamentos genéricos, também podemos intuir que tal efeito atingia os torneadores. Ademais, ainda que o cavaleiro não encarasse a participação nos torneios como um treinamento para a guerra (o que soa forçoso), o simples preparo físico e técnico despendido na preparação para os jogos já possibilitava, ao menos, que o guerreiro mantivesse seu corpo fisicamente preparado para o desgaste de uma campanha bélica.

Por fim, há que se observar uma última questão de fundamental importância para aqueles que realizavam os torneios em seus territórios. Como já foi apontado, a grande maioria desses confrontos se davam em áreas limítrofes, em florestas e descampados que ocupavam regiões fronteiriças. Desta forma, a participação de exércitos locais nos jogos ali realizados, possibilitavam não somente uma maior interação entre os participantes, mas também a realização de manobras e estratégias de guerra a serem desdobradas de acordo com a topografia do local, área que poderia se tornar cenário de combates reais em caso de eventuais invasões.

3. Conclusão

Diante do exposto, podemos perceber que os torneios medievais, travados entre os séculos X e XIII, marcaram a sociedade da baixa idade média em diversos aspectos, e mobilizavam desde o mais simples espectador, quanto reis, clérigos e, por vezes, até mesmo o papa. Sem dúvidas, tais jogos ocupam papel fundamental na consolidação e difusão da imagem da cavalaria medieval, persistindo ao tempo por meio de gestas e lendas de cavaleiros abnegados e valentes, que combatiam sob diretrizes de códigos de





honra e de conduta guerreira. Além de todos esses aspectos fantasiosos e que, ainda hoje, encontram-se presente no imaginário de alguns (reforçado cada vez mais por filmes e séries), também foi possível perceber que os torneios também se valiam aos interesses pessoais de cada um dos envolvidos, seja na obtenção de riquezas, *status* social, cortejo de damas ou, como advertido pela Igreja, a simples e pura violência.

Por outro lado, também restou claro que os torneios possibilitaram diversos desenvolvimentos voltados para a arte da guerra, tanto de maneiras intencionais quanto não intencionais. Como visto, o desenvolvimento de armas e armaduras para os jogos refletiu diretamente naquelas adotadas em campo de batalha e na sua atualização. Novas armas de ataque surgiram e, sobretudo, um sem-número de equipamentos de defesa de atualizaram. A busca por uma maior proteção dos torneadores, evitando assim as tão criticadas fatalidades, refletiram na guerra por meio da aplicação de armaduras de placas mais robustas e eficientes, embora haja um claro extrapolamento em modelos posteriores.

Novas técnicas de combate montado, bem como a sua aplicação, foram testadas, corrigidas e adaptadas nos torneios, onde o derrotado, na grande maioria esmagadora dos casos, sobreviva aos seus erros e tinha a possibilidade de aprender com suas derrotas. E não só; tendo sido flagrada a fragilidade, suas correções podiam ser testadas novamente em campo, em outros combates simulados e jogos vindouros, até que fossem encontradas as melhores formas de execução. Concomitantemente, estratégias de defesa de terreno também eram empregadas, tanto em combates individuais ou em pequenos grupos, como na proteção de objetivos, edificações e fortificações. Defendia-se e atacava-se, e no fim adaptações eram totalmente possíveis.

Por fim, extrapolando o campo das técnicas e armamentos, há a questão que envolvia o próprio combatente que, além de se sagrar como um guerreiro hábil, mantinha-se continuamente em atividade. Assim, além de estar constantemente se adaptando às questões que já foram observadas, encontrava nos torneios uma forma de manutenção de seus aspetos físicos, seja por meio do treinamento ou através da simples utilização de armas e armaduras mais pesadas nos jogos.

Sendo assim, conclui-se que os torneios medievais podem ser analisados e abordados por diversos ângulos, ainda havendo muito para ser estudado em relação ao assunto. Há que se observar, a título de possibilidade de novas pesquisas, que ainda se faz necessário o desenvolvimento de trabalhos voltadas às fontes materiais e iconográficas destes eventos, principalmente por parte da historiografia brasileira, que certamente





possibilitariam uma verticalização nas análises sobre as contribuições individuais de cada um dos torneios e as aplicações de seus aprendizados em casos concretos em campo de batalha.

Referências Bibliográficas

BARROS, José D'Assunção. *A Historiografia como fonte histórica*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2022;

BARTHÉLEMY, Dominique. *A Cavalaria: Da Germânia antiga à França do século XII*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010;

CARTWRIGHT, MARK. *The Medieval Tournament*. *World History Encyclopedia*, 07 de maio de 2018. Disponível em: https://www.worldhistory.org/Medieval_Tournament/. Acesso em: 02 de abril de 2024.

CLEPHAN, R. Coltman. *The Medieval Tournament*. Londres: Methuen & Co. Ltd, 2013;

COSTA, Ricardo. Os torneios medievais. In: *Boletín Electrónico de la Sociedad Argentina de Estudios Medievales (SAEMED)*, ano II, n. 3, Abril/Julho de 2008;

DOUGHERTY, Martin. *The Medieval Warrior: Weapons, technology, and Fighting techniques AD 1000-15000*. Guilford, Connecticut: The Lyons Press, 2008;

DUBY, Georges. *O domingo de Bouvines: 27 de julho de 1214*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993;

DUBY, Georges. *Guilherme Marechal: Ou o melhor cavaleiro do mundo*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.

FLORI, Jean. *Guerra Santa: A Formação da ideia de cruzada no Ocidente Cristão*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

FLORI, Jean. *A Cavalaria: A origem dos nobres guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005;

JONES, Dan. *O Poder e os tronos: Uma nova história da Idade Média*. São Paulo: Planeta Brasil, 2023;

LE GOFF, Jacques. *A civilização do Ocidente Medieval*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016;





OAKESHOTT, R. EWART. The archaeology of weapons: Arms and Armour from prehistory to the age of chivalry. Londres: Lutterworth Press, 1960;

PHILLIPS, Charles. The Illustrated history of Knights & the golden age of chivalry. Dayton, Ohio: Lorenz Books, 2021;

SCHUYLER, Stephen. The history of medieval tournaments explained. Grunge, 28 de outubro de 2021. História. Disponível em: <https://www.grunge.com/645436/the-history-of-medieval-tournaments-explained/>. Acesso em: 28 de abril de 2024;

